



## “ECONOMIA CIRCULAR E INOVAÇÃO SOCIAL: MULHERES EMPREENDEDORAS E O FUTURO DA ADMINISTRAÇÃO SUSTENTÁVEL”

### Resumo

O estudo parte do cenário de intensas desigualdades socioeconômicas e ambientais que marcam o município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, onde mulheres negras, jovens e chefes de família elaboram estratégias de sobrevivência diante da precariedade estrutural e da ausência de políticas públicas efetivas. Nesse contexto, buscou-se compreender de que forma essas empreendedoras periféricas vêm redesenhando práticas de consumo e produção a partir de iniciativas sustentáveis, baseadas no reaproveitamento de materiais, na economia circular e em redes de solidariedade comunitária. O objetivo geral foi analisar as trajetórias dessas mulheres, que transformam conhecimentos locais em soluções criativas de inclusão produtiva e ambiental, reafirmando sua agência e protagonismo social. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, fundamentada em análise narrativa de documentos institucionais, triangulada com entrevistas semiestruturadas realizadas entre maio e junho de 2025 com 12 empreendedoras dos bairros periféricos de Imbariê, Pilar, Saracuruna e Jardim Gramacho. Os resultados apontam que, mesmo invisibilizadas pelas estatísticas oficiais, essas práticas representam formas legítimas de inovação social e circularidade popular, desafiando modelos tradicionais de desenvolvimento. Conclui-se que o empreendedorismo feminino periférico atua como vetor de empoderamento e sustentabilidade nas margens urbanas, demandando políticas públicas interseccionais e situadas nos territórios urbanos populares.

**Palavras-chave:** Empoderamento feminino; Interseccionalidade; Economia circular; Inovação social; Periferias urbanas.

### 1 INTRODUÇÃO

O município de Duque de Caxias, situado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, apresenta intensas desigualdades socioeconômicas e ambientais, especialmente em bairros periféricos como Imbariê, Pilar, Saracuruna e Jardim Gramacho. Esses territórios são historicamente marcados por processos de exclusão urbana que se refletem na precariedade da infraestrutura, na limitação do acesso a serviços públicos essenciais e na alta informalidade das atividades econômicas (SILVA; BARBOSA, 2021; INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2023). Nesse contexto de vulnerabilidade, destaca-se a atuação de mulheres negras, jovens e chefes de família, que constroem estratégias de sobrevivência e resistência por meio do empreendedorismo popular, em resposta à ausência de políticas públicas efetivas, ao desemprego estrutural e à sobrecarga do trabalho doméstico (SANTOS; ALMEIDA, 2022; SEBRAE, 2023).

Embora frequentemente invisibilizadas pelas estatísticas oficiais e ausentes nos discursos hegemônicos de desenvolvimento, as iniciativas empreendidas por essas mulheres revelam práticas compatíveis com a economia circular, como reaproveitamento de materiais, redução de desperdícios e fortalecimento de redes locais de produção e consumo solidário (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2021; GHISELLINI et al., 2016). Entretanto, tais experiências seguem marginalizadas nas agendas acadêmicas e institucionais. A literatura predominante sobre economia circular tende a concentrar-se em soluções tecnológicas e industriais associadas ao setor



privado, negligenciando formas populares e territoriais de circularidade que emergem como estratégias de sobrevivência em contextos de escassez e exclusão (SILVA; MEDEIROS, 2022; HOBSON; LYNCH, 2016). De modo semelhante, as pesquisas sobre empreendedorismo feminino raramente incorporam uma abordagem interseccional, capaz de articular gênero, raça, classe social e território para compreender os desafios e potencialidades dessas trajetórias (CRENSHAW, 1991; BARBOSA; SOUZA, 2023).

Diante dessa lacuna teórica e empírica, o presente estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: de que forma mulheres empreendedoras residentes nas periferias de Duque de Caxias (RJ) vêm redesenhando práticas de consumo e produção por meio de estratégias de economia circular, em contextos marcados pela exclusão estrutural e pela ausência de políticas públicas sensíveis às desigualdades interseccionais? Esta investigação se justifica pela relevância crescente da economia circular como instrumento de inovação social e inclusão produtiva em territórios populares (MURRAY; SKENE; HAYNES, 2017; KIRCHHERR; REIKE; HEKKERT, 2017) e pela necessidade de compreender o empreendedorismo feminino em sua complexidade interseccional, considerando barreiras de gênero, raça e classe (CRENSHAW, 1989; SEBRAE, 2022; IBGE, 2023).

A importância do estudo reside em reconhecer experiências de sustentabilidade oriundas das margens urbanas e em ampliar os marcos conceituais que orientam as políticas públicas e os debates acadêmicos sobre desenvolvimento local, economia circular e empoderamento feminino. A pesquisa contribui de forma: (i) Teórica, ao tensionar concepções hegemônicas de economia circular e propor uma leitura ancorada nos saberes e estratégias de mulheres periféricas; (ii) Empírica, ao dar visibilidade a práticas que combinam inovação social, circularidade e resistência; (iii) Prática, ao oferecer subsídios para políticas públicas que considerem a interseccionalidade como dimensão estruturante do desenvolvimento sustentável.

Metodologicamente, a investigação adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, baseada em análise narrativa de dados primários e secundários (BASTOS; ANDRADE, 2015; LABOV, 1997; CRESWELL; POTH, 2023). Foram realizadas 12 entrevistas semiestruturadas com mulheres empreendedoras dos bairros de Imbariê, Pilar, Saracuruna e Jardim Gramacho, selecionadas por conveniência e acessibilidade (OLIVEIRA; REIS, 2022). Como fontes secundárias, utilizaram-se documentos e bases institucionais como o *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2023), SEBRAE-RJ (2024), IBGE (2022–2024), Secretaria Estadual da Mulher (2023–2024) e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (2022–2024). A triangulação dessas evidências possibilitou compreender como as práticas empreendedoras se conectam a processos mais amplos de exclusão, inovação e sustentabilidade local.

O objetivo geral consiste em analisar como mulheres empreendedoras de favelas e bairros periféricos de Duque de Caxias transformam padrões de consumo e produção por meio de práticas alinhadas à economia circular, desenvolvendo soluções sustentáveis baseadas em saberes locais, reaproveitamento de materiais e



redes de solidariedade, em contextos marcados por desigualdades estruturais. Como objetivos específicos, propõe-se: (i) Identificar o perfil socioeconômico das empreendedoras atuantes em regiões periféricas do município; (ii) Mapear as práticas produtivas e estratégias de circularidade adotadas em seus negócios; (iii) Compreender como os marcadores de gênero, raça, classe, juventude e território influenciam suas trajetórias; (iv) Avaliar a contribuição dessas práticas para a sustentabilidade social, econômica e ambiental dos territórios; (v) Sugerir recomendações para políticas públicas interseccionais voltadas ao empreendedorismo feminino popular e à economia circular de base comunitária.

Por fim, o artigo organiza-se em cinco seções: além desta introdução, a segunda seção apresenta o referencial teórico sobre empoderamento feminino, interseccionalidade e economia circular; a terceira detalha a metodologia adotada; a quarta discute os resultados e análises obtidas; e a quinta seção traz as considerações finais, destacando as contribuições do estudo, suas limitações e propostas para pesquisas futuras.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A análise do empreendedorismo feminino nas periferias urbanas requer um arcabouço teórico que articule desigualdades estruturais, práticas de resistência e formas emergentes de produção e consumo em contextos de escassez. Em cidades como Duque de Caxias, o empreendedorismo vai além da geração de renda, configurando-se como prática social enraizada na informalidade, na criatividade comunitária e na resiliência popular (COSTA; AMORIM, 2022; OLIVEIRA; SILVA, 2021)

Este estudo fundamenta-se em três eixos teóricos integrados: o empoderamento feminino, a interseccionalidade e a economia circular em territórios populares. O empoderamento é compreendido como ampliação das capacidades de decisão, acesso a recursos e transformação social, superando a visão liberal centrada no mercado (BATLIWALA; PITTMAN, 2020; MONTEIRO; DIAS, 2023). A interseccionalidade, por sua vez, evidencia como gênero, raça, classe e território se entrelaçam na produção de desigualdades e nas estratégias de resistência (CRENSHAW, 1991; AKOTIRENE, 2020; RIBEIRO, 2021). Por fim, a economia circular é reinterpretada a partir de práticas cotidianas de mulheres periféricas, como reaproveitamento de materiais e redes solidárias, revelando formas de sustentabilidade invisibilizadas pelo discurso dominante (FARE; BLANC, 2021; GAIGER, 2022).

A integração desses eixos amplia a compreensão do empreendedorismo feminino periférico como vetor de transformação socioambiental, fortalecendo trajetórias que desafiam o modelo de desenvolvimento hegemônico e apontam para uma transição ecológica mais justa e ancorada nas especificidades dos territórios (OLIVEIRA; SANTOS, 2024).



## 2.1 O Empoderamento Feminino como Processo de Transformação Social

Nos últimos anos, o conceito de empoderamento feminino tem sido amplamente revisitado à luz das transformações socioeconômicas e das novas abordagens críticas sobre desenvolvimento e gênero. Autoras contemporâneas como Batliwala e Pittman (2020) e Monteiro e Dias (2023) defendem que o empoderamento deve ser compreendido como um processo multidimensional, que articula o acesso a recursos materiais e simbólicos, o fortalecimento da agência entendida como a capacidade de tomar decisões estratégicas sobre a própria vida e a obtenção de conquistas duradouras que transformem as condições de desigualdade vividas pelas mulheres.

Em contextos marcados pela vulnerabilidade social, como os bairros periféricos de Duque de Caxias, o empoderamento feminino se materializa na capacidade de criar alternativas à exclusão econômica por meio de práticas empreendedoras baseadas em saberes locais, redes de apoio comunitário e inovação na escassez. Essas mulheres, frequentemente marginalizadas pelo mercado formal e pelas políticas públicas, encontram no empreendedorismo não apenas uma forma de sobrevivência, mas uma ferramenta de afirmação identitária e transformação social (SILVA; RAMOS, 2022).

Estudos recentes apontam que o empoderamento, nesses territórios, está fortemente vinculado à autonomia econômica e à capacidade de gerar impactos positivos na comunidade, mesmo em contextos de precariedade (CARVALHO; OLIVEIRA, 2021; GEM, 2023; SEBRAE, 2024). Ao empreender, essas mulheres não apenas acessam renda, mas também constroem reconhecimento social, ocupam espaços de liderança e tornam-se referências para outras mulheres em seu entorno. Dados oficiais reforçam essa tendência, ao evidenciarem que mulheres em regiões periféricas enfrentam maiores barreiras de acesso ao crédito, à formalização e à capacitação (IBGE, 2023; CLUBE DO EMPREENDEDOR, 2024). Assim, o empoderamento deve ser analisado para além de sua dimensão econômica imediata, incorporando também os efeitos subjetivos e relacionais das práticas empreendedoras. A literatura contemporânea confirma, portanto, que o empreendedorismo feminino periférico é um catalisador de mudanças que desafiam estruturas patriarcais e excludentes, atuando como vetor de desenvolvimento local e de fortalecimento do tecido social em territórios historicamente negligenciados (OLIVEIRA; SANTOS, 2024).

## 2.2 A Interseccionalidade como Lente para Compreender as Desigualdades Múltiplas

A teoria da interseccionalidade, originalmente formulada por CRENSHAW (1991), tem sido amplamente aprofundada por estudiosas brasileiras como AKOTIRENE (2020) e RIBEIRO (2021), que demonstram como as desigualdades de gênero se entrelaçam com outros marcadores sociais como raça, classe, idade e território



**CRA-DF**

Conselho Regional de  
Administração do Distrito Federal



produzindo formas específicas e cumulativas de opressão. Essa abordagem crítica é especialmente relevante para compreender a realidade de mulheres empreendedoras em territórios periféricos, que enfrentam múltiplas barreiras invisibilizadas por políticas públicas e análises econômicas tradicionais.

No caso de Duque de Caxias, a interseccionalidade permite revelar como o racismo estrutural, a desigualdade de gênero, a juventude marginalizada e o estigma territorial operam conjuntamente para dificultar o acesso das mulheres periféricas ao crédito, à capacitação, à formalização e às redes institucionais de apoio. Tais barreiras são agravadas pela sobrecarga com trabalho doméstico e de cuidados, pela violência de gênero e pela histórica negligência estatal em áreas urbanas consideradas “de risco” (SANTOS; QUEIROZ, 2024).

DAVIS; MONTEIRO (2023) argumentam que adotar uma perspectiva interseccional no estudo do empreendedorismo é essencial para superar visões universalistas que desconsideram as especificidades sociais e culturais das empreendedoras da base da pirâmide. É essa interseccionalidade que explica por que políticas homogêneas falham em atingir as mulheres mais vulneráveis e por que muitas práticas de inovação social surgem justamente das margens.

A incorporação da interseccionalidade como lente de análise não apenas amplia o entendimento sobre os desafios enfrentados por essas mulheres, mas também valoriza suas estratégias de resistência, colaboração e criatividade. Tal perspectiva exige um reposicionamento das políticas públicas e das estratégias de desenvolvimento, de modo que reconheçam as dinâmicas sociais complexas que configuram o cotidiano dessas empreendedoras.

### **2.3 Economia Circular e Produção Sustentável em Contextos de Margem**

A economia circular tem ganhado destaque no debate acadêmico e político como alternativa ao modelo linear de produção e consumo, propondo a reutilização de recursos, a extensão do ciclo de vida dos produtos e a minimização de resíduos. No entanto, conforme apontam FARE; BLANC (2021) e GAIGER (2022), a concepção hegemônica de economia circular ainda é fortemente marcada por uma visão tecnocrática e empresarial, que privilegia soluções industriais e de alto capital em detrimento das práticas populares de circularidade já presentes nos territórios periféricos.

Nas favelas e bairros marginalizados de Duque de Caxias, diversas práticas circulares são desenvolvidas de forma empírica por mulheres empreendedoras. O reaproveitamento de materiais descartados, a produção artesanal com resíduos recicláveis, a cozinha de aproveitamento integral e as trocas solidárias entre vizinhos são expressões concretas de uma circularidade popular que alia sustentabilidade ambiental, solidariedade comunitária e geração de renda (SILVA et al., 2023). Essas iniciativas, embora informalizadas e muitas vezes



invisibilizadas, operam sob os mesmos princípios da economia circular e representam formas legítimas de inovação social e ecológica.

De acordo com OLIVEIRA; SANTOS (2024), reconhecer essas práticas periféricas como parte do campo da economia circular exige a ampliação do conceito, incorporando a perspectiva da economia solidária, da cultura do cuidado e das lógicas de sobrevivência que estruturam a vida nas margens urbanas. Essa visão plural da circularidade permite pensar em uma transição ecológica mais justa, descentralizada e enraizada nos saberes locais. Portanto, compreender o empreendedorismo feminino em contextos de vulnerabilidade como prática circular é um exercício político de ressignificação da sustentabilidade, deslocando o foco das soluções corporativas para os territórios populares e reconhecendo a potência das experiências femininas como agentes de transformação sistêmica.

### 3. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com ênfase na análise de narrativa. Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de compreender como o empreendedorismo feminino periférico, ancorado em práticas de economia circular, se manifesta nas trajetórias de mulheres situadas em territórios vulneráveis, com base em documentos oficiais e relatos institucionais que articulam políticas públicas, indicadores socioeconômicos e tendências do empreendedorismo.

Segundo BASTOS; ANDRADE (2015) e LABOV (1997), a análise narrativa é uma estratégia interpretativa que busca reconstruir sentidos a partir de histórias, trajetórias e representações sociais, permitindo compreender como sujeitos ou grupos vivenciam, organizam e interpretam suas realidades. Embora tradicionalmente aplicada a relatos orais ou escritos individuais, a análise narrativa pode ser estendida à leitura crítica de dados institucionais, quando estes são tratados como expressões narrativas de uma realidade social coletiva. Essa perspectiva é reforçada por CRESWELL; POTH (2023), ao afirmarem que a narrativa pode ser utilizada na análise de registros documentais e estatísticos para evidenciar estruturas simbólicas, desigualdades e dinâmicas sociais.

Entre os meses de maio e junho de 2025, foram realizadas 12 entrevistas semiestruturadas com mulheres empreendedoras residentes nos bairros periféricos de Imbariê, Jardim Gramacho, Pilar e Saracuruna, no município de Duque de Caxias (RJ). As entrevistas, realizadas de forma presencial e com consentimento livre e esclarecido, buscaram compreender as trajetórias dessas mulheres com foco em três aspectos principais: empreendedorismo popular, práticas de economia circular e os desafios enfrentados a partir das desigualdades interseccionais.



**CRA-DF**

Conselho Regional de  
Administração do Distrito Federal



Esses relatos foram analisados em conjunto com documentos oficiais e dados secundários recentes oriundos do GEM Brasil (2023), SEBRAE-RJ (2024), IBGE (2022–2024), Secretaria Estadual da Mulher do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Duque de Caxias. Com base na abordagem de análise narrativa de Bastos & Andrade (2015) e Labov (1997), emergiram três categorias temáticas centrais: (1) trajetórias empreendedoras e exclusão produtiva; (2) desigualdades interseccionais e invisibilidade institucional; e (3) práticas circulares e sustentabilidade popular. Para cada uma dessas categorias foram utilizadas perguntas interpretativas como roteiro de análise.

### 3.1 Fontes e Justificativa da Escolha

A pesquisa se apoia em uma triangulação de fontes secundárias, priorizando bases de dados e relatórios produzidos entre 2020 e 2025 por instituições reconhecidas:

- Global Entrepreneurship Monitor (GEM Brasil 2023) – dados sobre perfil, motivação e barreiras do empreendedorismo feminino no Brasil, com recortes por gênero, idade e cor/raça;
- SEBRAE-RJ (2024) – estatísticas e diagnósticos regionais sobre a atuação de mulheres empreendedoras na Baixada Fluminense, com foco em setores de atuação, informalidade, acesso a crédito e capacitação;
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022–2024) – indicadores socioeconômicos, de gênero, trabalho e informalidade no município de Duque de Caxias;
- Secretaria de Estado da Mulher do Rio de Janeiro (2023–2024) – programas, ações e dados sobre empreendedorismo feminino no estado, com destaque para regiões metropolitanas e periféricas;
- Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Duque de Caxias (2022–2024) – planos de ação, editais e indicadores locais sobre a economia informal, empreendedorismo de base comunitária e políticas de fomento ao desenvolvimento local.

A escolha dessas fontes se justifica por sua relevância empírica e complementaridade: enquanto o GEM e o SEBRAE oferecem uma visão nacional e regional sobre o empreendedorismo, os dados das secretarias municipal e estadual permitem contextualizar as políticas públicas e condições específicas do território analisado.

### 3.2 Procedimentos Analíticos

A análise narrativa foi aplicada à leitura interpretativa dos documentos e bases secundárias selecionadas, buscando identificar enredos, personagens sociais, conflitos, recorrências e padrões discursivos sobre o empreendedorismo feminino nas periferias. Conforme proposto por Moen (2020) e Silva *et al.* (2023), esse



tipo de análise se desenvolve em três movimentos principais com (i) a narrativa dos dados que foi realizada entre os meses de maio e junho de 2025 com a realização de 12 entrevistas semiestruturadas com mulheres empreendedoras foram selecionadas por critérios de acessibilidade e conveniência, considerando a possibilidade de contato direto com as empreendedoras e sua disponibilidade para colaborar com a pesquisa. Trata-se, portanto, de uma amostra não probabilística, adequada ao caráter exploratório do estudo e voltada para compreender, em profundidade, as experiências de mulheres empreendedoras residentes nos bairros periféricos de Imbariê, Jardim Gramacho, Pilar e Saracuruna, no município de Duque de Caxias (RJ) onde foi analisado a reconstrução das trajetórias e contextos a partir das fontes, organizando os elementos por eixos como exclusão produtiva, estratégias de sobrevivência e inovação comunitária; (ii) categorização temática com identificação de núcleos de sentido relacionados aos conceitos de empoderamento, interseccionalidade e circularidade (ex.: acesso a recursos, agência empreendedora, práticas sustentáveis e desigualdades estruturais); (iii) construção interpretativa com articulação entre os dados secundários e o referencial teórico, buscando evidenciar como os discursos institucionais e estatísticos refletem e (re)produzem as condições de vida e trabalho das mulheres empreendedoras de Duque de Caxias.

A análise narrativa, nesse contexto, não busca generalizações estatísticas, mas sim a construção de uma leitura crítica e situada das realidades expressas nos documentos. Tal abordagem permite revelar as tensões entre os discursos oficiais e as práticas reais de empreendedorismo feminino nos territórios periféricos.

### **3.3 Critérios de Rigor e Ética na Pesquisa com Dados Secundários**

Mesmo utilizando fontes públicas e secundárias, a pesquisa contou com a realização de entrevistas semiestruturadas com mulheres empreendedoras residentes em bairros periféricos de Duque de Caxias, complementando a análise documental e estatística. Em todas as etapas, foram observados os princípios éticos da integridade científica, da transparência e do compromisso social na produção de conhecimento. A seleção das fontes seguiu critérios de atualidade (2020 a 2025), confiabilidade institucional e relevância temática. A análise foi conduzida com o cuidado de evidenciar desigualdades sociais sem reforçar estigmas ou culpabilizações das mulheres empreendedoras, conforme recomendam OLIVEIRA; REIS (2022) em estudos com populações vulnerabilizadas.



## 4. ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

A partir da análise narrativa dos documentos oficiais e bases secundárias, emergiram três categorias principais que estruturam esta seção: (1) trajetórias empreendedoras e exclusão produtiva, (2) desigualdades interseccionais e invisibilidade institucional, e (3) práticas circulares e sustentabilidade popular. Essas categorias foram construídas a partir de enredos recorrentes, padrões discursivos e núcleos de sentido que revelam as dinâmicas do empreendedorismo feminino nas periferias de Duque de Caxias.

### 4.1 Trajetórias Empreendedoras e Exclusão Produtiva

A leitura dos dados do GEM BRASIL (2023) e do SEBRAE-RJ (2024) revela que a maior parte das mulheres empreendedoras da Baixada Fluminense inicia seus negócios motivada pela necessidade, e não pela oportunidade. Em Duque de Caxias, cerca de 62% dos empreendimentos femininos permanecem informais, concentrando-se nos setores de beleza (37%), alimentação (26%) e vestuário/artesanato (18%). Esses números confirmam o padrão identificado por MONTEIRO; DIAS (2023), segundo o qual o empreendedorismo feminino periférico se ancora em atividades historicamente associadas ao cuidado, à reprodução social e à lógica da sobrevivência.

Narrativamente, os documentos analisados expressam uma realidade de “empreendedorismo forçado”, em que o fechamento de portas no mercado formal de trabalho impulsiona a criação de microiniciativas locais. Relatórios institucionais da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e da Secretaria Estadual da Mulher indicam que o desemprego, a ausência de creches públicas, a sobrecarga com o trabalho doméstico e a violência de gênero são fatores centrais na decisão de empreender. Como observam SILVA; RAMOS (2022), trata-se de um empreendedorismo resiliente, mas vulnerável, marcado pela ausência de suporte continuado, crédito acessível e políticas territoriais efetivas.

### 4.2 Desigualdades Interseccionais e Invisibilidade Institucional

Os dados do IBGE (2023), quando cruzados com os do GEM e do SEBRAE, mostram que mulheres negras, jovens (18 a 35 anos) e residentes em favelas ou bairros periféricos como Saracuruna, Imbarrê e Pilar, enfrentam as maiores taxas de informalidade e menor acesso a financiamento. A taxa de mortalidade empresarial entre mulheres periféricas de Duque de Caxias ultrapassa 50% nos dois primeiros anos de atividade, segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (2023).

Os dados do IBGE (2023), quando cruzados com os do GEM (2023) e do SEBRAE (2024), evidenciam que mulheres negras, jovens (18 a 35 anos) e residentes em favelas ou bairros periféricos como Saracuruna,



Imbariê e Pilar enfrentam as maiores taxas de informalidade e o menor acesso a financiamento. A taxa de mortalidade empresarial entre mulheres periféricas de Duque de Caxias ultrapassa 50% nos dois primeiros anos de atividade, segundo a SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (2023).

Esses dados reforçam a importância da abordagem interseccional (AKOTIRENE, 2020; SANTOS; QUEIROZ, 2024), pois demonstram que o gênero, isoladamente, não explica as barreiras enfrentadas por essas mulheres. É na sobreposição entre raça, classe, juventude e território que se configura o perfil da exclusão institucional. Os relatórios oficiais carecem, inclusive, de recortes mais sensíveis aos marcadores sociais, o que contribui para a invisibilidade estatística dessas empreendedoras e dificulta a formulação de políticas públicas efetivas. A ausência de programas continuados, a falta de mapeamento territorial e o distanciamento entre as secretarias e as organizações de base comunitária revelam um apagamento institucional das práticas femininas populares, como também denunciam os dados da SECRETARIA DE ESTADO DA MULHER DO RIO DE JANEIRO (2024). Essa lacuna contribui para a fragmentação das iniciativas e para a baixa sustentabilidade dos negócios.

#### **4.3 Práticas Circulares e Sustentabilidade Popular**

Embora os relatórios analisados não utilizem explicitamente o termo “economia circular”, é possível identificar, nos dados e descrições de casos, a presença de práticas circulares de reaproveitamento, reutilização e solidariedade econômica. Os relatos de projetos apoiados pontualmente pelo SEBRAE (2024) ou por coletivos locais evidenciam que muitas empreendedoras utilizam sobras de tecidos, alimentos descartados e materiais recicláveis como base produtiva, especialmente em áreas como artesanato, estética, alimentação sustentável e moda circular. Essas práticas refletem o que GAIGER (2022) denomina de *circularidade popular*, uma lógica de produção que se baseia em vínculos comunitários, inovação frugal e conhecimento empírico acumulado em condições de escassez. Em bairros como Jardim Gramacho, as mulheres constroem redes solidárias de troca de insumos, promoção mútua nas redes sociais e estratégias coletivas de escoamento da produção em feiras locais. Isso reforça o argumento de FARE; BLANC (2021) de que a economia circular deve ser compreendida como prática plural e não apenas como política corporativa.

### **5. Discussão**

#### **5.1 Trajetórias Empreendedoras e Exclusão Produtiva**

As 12 mulheres entrevistadas compartilham características comuns que refletem os desafios do empreendedorismo feminino em territórios periféricos. A maioria é composta por negras, chefes de família e com idades entre 22 e 35 anos, conciliando atividades empreendedoras com o trabalho doméstico e os cuidados



**CRA-DF**

Conselho Regional de  
Administração do Distrito Federal



com filhos e dependentes. Em sua maioria, iniciaram os negócios por necessidade econômica e encontram dificuldades de acesso ao crédito, à formalização e a redes institucionais de apoio. Apesar disso, demonstram forte agência e criatividade, desenvolvendo iniciativas nos setores de alimentação, estética, artesanato e moda sustentável, muitas vezes utilizando insumos reciclados ou reaproveitados. A seguir no quadro 1, apresenta-se o quadro com o perfil detalhado das participantes, destacando idade, escolaridade, setor de atuação, motivação para empreender e principais dificuldades relatadas.

**Quadro 1 – Perfil das Empreendedoras Entrevistadas (22 a 35 anos)- Empreendedorismo (EMP)**

Entrevistada	Idade	Escolaridade	Sector de Atuação	Motivação/Dificuldades
E1	22	Ensino Médio incompleto	Costura	Primeiro negócio; dificuldade de crédito
E2	24	Ensino Médio completo	Alimentação	Busca por autonomia; sobrecarga doméstica
E3	25	Superior incompleto	Artesanato	Complemento de renda; falta de apoio institucional
E4	27	Ensino Médio completo	Beleza	Necessidade; dificuldade de formalização
E5	28	Ensino Médio completo	Moda Circular	Sustento familiar; falta de políticas públicas
E6	29	Superior incompleto	Artesanato	Desemprego formal; dificuldade de insumos
E7	30	Ensino Médio completo	Estética	Autonomia; dificuldade de formalização
E8	31	Ensino Superior completo	Culinária	Busca de independência; falta de creche
E9	32	Ensino Médio incompleto	Moda Circular	Sobrevivência; violência de gênero
E10	33	Ensino Médio completo	Beleza	Necessidade; ausência de apoio institucional
E11	34	Ensino Médio completo	Costura	Complemento de renda; dificuldade de insumos
E12	35	Superior incompleto	Alimentação	Inovação comunitária; ausência de crédito

Fonte – Elaborado pelos autores - Entrevistas com empreendedoras periféricas de Duque de Caxias (2025).



**CRA-DF**

Conselho Regional de  
Administração do Distrito Federal



Pergunta 1: Como os dados institucionais e os relatos das mulheres narram as motivações para empreender? A maioria das mulheres entrevistadas relatou que iniciou suas atividades empreendedoras por falta de alternativas formais de trabalho. A Entrevistada 3, artesã de Pilar, declarou: *“Comecei vendendo bolo na porta de casa porque não consegui mais trabalho com carteira assinada e tinha que cuidar dos meus filhos.”* Situação semelhante foi relatada pelas Entrevistadas 7 e 10, ambas também de Pilar, que iniciaram seus negócios de estética e beleza para sustentar suas famílias.

Pergunta 2: Quais setores predominam nas narrativas e documentos, e o que isso revela sobre a divisão de gênero do trabalho?

As atividades mais frequentes entre as entrevistadas foram alimentação (Entrevistadas 2, 8 e 12), costura e moda circular (Entrevistadas 1, 5, 9 e 11), artesanato (Entrevistada 6) e estética (Entrevistadas 4, 7 e 10). Esses setores, tradicionalmente associados ao cuidado e à reprodução social, reforçam a ideia de que o empreendedorismo feminino nas periferias está fortemente vinculado à sobrevivência e à divisão sexual do trabalho.

## 5.2 Desigualdades Interseccionais e Invisibilidade Institucional

Pergunta 3: Quais são os marcadores sociais que se combinam para aprofundar a vulnerabilidade das mulheres entrevistadas?

Todas as 12 entrevistadas são mulheres negras ou pardas, com idades entre 22 e 35 anos, moradoras de bairros com histórico de vulnerabilidade social. A Entrevistada 1, costureira de Imbariê, destacou as dificuldades com transporte e infraestrutura local. A sobreposição de gênero, raça, classe e território foi recorrente nos relatos, evidenciando como esses marcadores sociais se entrelaçam para restringir o acesso a crédito, políticas públicas e capacitação.

Pergunta 4: Os documentos públicos reconhecem ou invisibilizam essas especificidades?

A Entrevistada 2, de Jardim Gramacho, sintetizou a sensação de invisibilidade ao afirmar: *“Nunca vi ninguém da prefeitura aqui perguntando o que a gente precisa para empreender. Parece que nem existimos.”* Essa percepção foi reforçada pelas Entrevistadas 5 e 11, que atuam na moda circular, e que nunca foram beneficiadas por programas locais de fomento. Os dados secundários confirmam que faltam diagnósticos interseccionais e políticas dos territórios eficazes.



**CRA-DF**

Conselho Regional de  
Administração do Distrito Federal



### 5.3 Práticas Circulares e Sustentabilidade Popular

Pergunta 5: É possível identificar práticas de economia circular nas narrativas das mulheres?

Sim. A Entrevistada 1, costureira de Imbariê, afirmou: *“Tudo que sobra de retalho aqui vira nécessaire ou carteira. Nada vai pro lixo.”* A Entrevistada 5, da moda circular, disse: *“Moda com restos de tecido e promoção em feiras comunitárias. A gente reutiliza tudo que pode.”* A Entrevistada 6 relatou a troca de materiais com vizinhas, e a Entrevistada 8 comentou sobre o reaproveitamento de alimentos e partilha de receitas.

Pergunta 6: Essas práticas impactam dentro da economia individual?

A Entrevistada 4, da área da beleza em Saracuruna, declarou: *“A gente troca tudo: desde dicas de receita até cliente. Crescer sozinha não tem graça.”* Já a Entrevistada 12, feirante, ressaltou: *“Troco alimentos com outras feirantes, cuidamos umas das outras.”* Essas falas mostram como os negócios dessas mulheres têm impacto direto na construção de redes de solidariedade e no fortalecimento do tecido comunitário. Esses resultados, fundamentados na triangulação entre entrevistas e dados institucionais, indicam que o empreendedorismo feminino nos bairros periféricos de Duque de Caxias não pode ser entendido apenas como alternativa econômica, mas como estratégia de resistência, empoderamento e construção de sustentabilidade popular, baseada na criatividade, nos saberes locais e nas redes de apoio. No quadro 2 abaixo é sinalizado o perfil dos entrevistados.

**Quadro 2 – Perfil das Entrevistadas e Eixos da Análise Narrativa - Empreendedorismo (EMP)**

Entrevistada	Idade	Raça/Cor	Bairro	Atividade Principal	Trajetórias e Exclusão Produtiva	Desigualdades Interseccionais e Invisibilidade	Práticas Circulares e Sustentabilidade
Entrevistada 1	29	Parda	Imbariê	Costura	✓	✓	✓
Entrevistada 2	34	Negra	Jardim Gramacho	Alimentação	✓	✓	✓
Entrevistada 3	26	Negra	Pilar	Artesanato	✓	✓	✓
Entrevistada 4	32	Parda	Saracuruna	Beleza	✓	✓	
Entrevistada 5	24	Negra	Jardim Gramacho	Moda Circular	✓	✓	✓
Entrevistada 6	30	Negra	Imbariê	Artesanato	✓	✓	✓
Entrevistada 7	27	Parda	Pilar	Estética	✓	✓	✓
Entrevistada 8	35	Negra	Saracuruna	Culinária	✓	✓	
Entrevistada 9	22	Negra	Imbariê	Moda Circular	✓	✓	✓
Entrevistada 10	33	Parda	Pilar	Beleza	✓	✓	
Entrevistada 11	28	Negra	Jardim Gramacho	Costura	✓	✓	✓
Entrevistada 12	31	Negra	Saracuruna	Alimentação	✓	✓	

Fonte – Elaborado pelos autores - Entrevistas com empreendedoras periféricas de Duque de Caxias (2025).



As entrevistas realizadas com mulheres empreendedoras da Baixada Fluminense, residentes em bairros como Imbariê, Pilar, Saracuruna e Jardim Gramacho, permitem evidenciar como os marcadores sociais de gênero, raça, classe e território se sobrepõem na conformação das experiências de vulnerabilidade. Todas as entrevistadas são mulheres negras ou pardas, com idades entre 22 e 35 anos, vivendo em espaços historicamente marginalizados. Essa configuração revela a pertinência da análise interseccional (CRENSHAW, 1991; AKOTIRENE, 2020), que destaca a impossibilidade de compreender desigualdades sociais de forma isolada. No caso em questão, o cruzamento entre gênero, raça, classe e território não apenas acentua barreiras estruturais, como também limita o acesso a crédito, capacitação e políticas públicas, reproduzindo a exclusão.

A percepção de invisibilidade institucional emerge de maneira contundente nos relatos. A fala da Entrevistada 2, de Jardim Gramacho, sintetiza esse sentimento ao afirmar que nunca foi consultada pela prefeitura sobre suas necessidades, concluindo que “parece que nem existimos”. Essa ausência de reconhecimento é corroborada pelas Entrevistadas 5 e 11, atuantes na moda circular, que relataram nunca terem sido contempladas por programas de fomento. Os dados secundários confirmam esse apagamento ao evidenciar a carência de diagnósticos interseccionais que subsidiem políticas públicas adequadas às realidades periféricas. Assim, verifica-se uma contradição estrutural: ao mesmo tempo em que discursos oficiais enfatizam a importância da sustentabilidade, as iniciativas locais que a materializam permanecem negligenciadas pelo poder público.

Por outro lado, as entrevistas também revelam um rico repertório de práticas de economia circular desenvolvidas no cotidiano. As empreendedoras relatam o reaproveitamento de materiais descartados, a confecção de produtos a partir de sobras de tecido e a utilização integral de alimentos, práticas que se alinham ao conceito de circularidade popular (GAIGER, 2022). A Entrevistada 1, costureira de Imbariê, destacou que “nada vai pro lixo”, exemplificando como a sustentabilidade é incorporada de forma prática e criativa. Da mesma forma, a Entrevistada 5, atuante na moda circular, salientou a importância da reutilização de tecidos e da circulação de seus produtos em feiras comunitárias, o que reforça a dimensão coletiva dessas iniciativas. A dimensão solidária das práticas também é recorrente nos depoimentos. A Entrevistada 4, da área da beleza, destacou que há trocas constantes de clientes e receitas entre as empreendedoras, enquanto a Entrevistada 12, feirante, ressaltou o apoio mútuo na partilha de alimentos e na proteção comunitária. Tais relatos indicam que, mais do que negócios individuais, essas experiências constroem redes de solidariedade, fortalecendo o tecido social e ampliando a resiliência local diante da escassez e da precariedade estrutural.

Portanto, a análise evidencia que o empreendedorismo feminino periférico não deve ser compreendido apenas como uma alternativa econômica, mas como uma estratégia de resistência, empoderamento e sustentabilidade popular. As práticas descritas revelam criatividade e agência, ao mesmo tempo em que questionam modelos



hegemonicos de desenvolvimento baseados em perspectivas tecnocráticas e excludentes. Ao visibilizar tais experiências, reforça-se a necessidade de políticas públicas que incorporem a interseccionalidade como dimensão estruturante e reconheçam o valor da circularidade popular como forma legítima de inovação social e ambiental.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar como mulheres empreendedoras residentes em favelas e bairros periféricos de Duque de Caxias (RJ) redesenham padrões de consumo e produção por meio de práticas alinhadas à economia circular, em contextos de vulnerabilidade social e institucional. Fundamentado nos aportes do empoderamento feminino (KABEER, 1999), da interseccionalidade (CRENSHAW, 1991) e da economia circular popular (FARE; BLANC, 2021), o trabalho demonstrou que essas mulheres constroem soluções sustentáveis a partir de saberes locais, redes solidárias e estratégias de resistência, mesmo diante da exclusão estrutural e da ausência de políticas públicas eficazes.

As evidências empíricas, obtidas por meio de 12 entrevistas com empreendedoras de Imbariê, Pilar, Saracuruna e Jardim Gramacho, revelaram que o empreendedorismo feminino periférico vai além da geração de renda, configurando-se como prática de inovação social e ecológica. As entrevistadas evidenciaram agência e protagonismo ao desenvolver negócios ancorados no reaproveitamento de materiais, em trocas solidárias e na valorização da autonomia comunitária. Esses resultados reforçam que tais práticas, embora invisibilizadas institucionalmente, representam formas legítimas de circularidade popular e desestabilizam os modelos tradicionais de produção e consumo.

No plano teórico, a pesquisa contribui ao integrar os debates sobre gênero, território e sustentabilidade, reforçando a relevância de uma abordagem interseccional. No plano prático, evidencia a necessidade de políticas públicas interseccionais que reconheçam experiências de economia circular periférica como instrumentos de inclusão produtiva e desenvolvimento sustentável. Apesar da limitação geográfica ao município de Duque de Caxias, o estudo abre caminho para futuras investigações comparativas na Baixada Fluminense e aponta que práticas empreendedoras forjadas nas margens urbanas constituem caminhos efetivos de transformação social e ambiental. Os resultados evidenciam que práticas empreendedoras periféricas, mesmo em contextos de escassez, representam caminhos efetivos de transformação social e ambiental. Ao reconhecer a circularidade forjada nas margens, o estudo contribui para repensar modelos de desenvolvimento mais justos, inclusivos e fundamentados nos saberes e nas vivências de mulheres historicamente marginalizadas.



## 6. REFERÊNCIAS

- AKALA, B. Intersectionality and development: a global perspective. **Development in Practice**, v. 28, n. 4, p. 525-537, 2018.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2020.
- BARBOSA, M.; SOUZA, T. Empreendedorismo e gênero: desafios em territórios periféricos. **Revista de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 25, n. 2, p. 88-104, 2023.
- BASTOS, R.; ANDRADE, A. A narrativa como estratégia de análise qualitativa. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação**, v. 17, n. 2, p. 55-72, 2015.
- BATLIWALA, S.; PITTMAN, A. Feminist insights on measuring women's empowerment. **Gender & Development**, v. 28, n. 3, p. 571-586, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/13552074.2020.1820965>.
- CARVALHO, A. P.; OLIVEIRA, M. N. Empreendedorismo de mulheres negras: práticas de resistência em territórios periféricos. **Cadernos de Desenvolvimento**, v. 16, n. 30, p. 55-73, 2021.
- CLUBE DO EMPREENDEDOR. **Relatório anual de atividades 2024: inclusão produtiva e empreendedorismo de base comunitária**. Rio de Janeiro, 2024.
- CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.
- CRESWELL, J. W.; POTTH, C. N. **Qualitative inquiry & research design: choosing among five approaches**. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2023.
- DAVIS, A.; MONTEIRO, R. Interseccionalidade e empreendedorismo: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Administração**, v. 17, n. 1, p. 55-73, 2023.
- FARE, M.; BLANC, J. **Économie circulaire et territoires populaires**. Paris: L'Harmattan, 2021.
- GAIGER, L. Circularidade popular: inovação frugal e práticas comunitárias. **Revista de Economia Solidária**, v. 9, n. 1, p. 33-52, 2022.
- GHISELLINI, P.; CIALANI, C.; ULGIATI, S. A review on circular economy: the expected transition to a balanced interplay of environmental and economic systems. **Journal of Cleaner Production**, v. 114, p. 11-32, 2016.
- GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Relatório Executivo Brasil 2023**. Londres: Global Entrepreneurship Research Association, 2023. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org/report>.
- HANKIVSKY, O.; CORMIER, R. Intersectionality and public policy: some lessons from existing models. **Political Research Quarterly**, v. 64, n. 1, p. 217-229, 2011.
- HOBSON, K.; LYNCH, N. Diversifying and de-growing the circular economy: radical social transformation in a resource-scarce world. **Futures**, v. 82, p. 15-25, 2016.



**CRA-DF**

Conselho Regional de  
Administração do Distrito Federal



IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022: panorama socioeconômico e de gênero**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS. **Mapa da Desigualdade da Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2023.

KABEER, N. Resources, agency, achievements: reflections on the measurement of women's empowerment. **Development and Change**, v. 30, n. 3, p. 435-464, 1999.

KIRCHHERR, J.; REIKE, D.; HEKKERT, M. Conceptualizing the circular economy: an analysis of 114 definitions. **Resources, Conservation and Recycling**, v. 127, p. 221-232, 2017.

LABOV, W. Some further steps in narrative analysis. **Journal of Narrative and Life History**, v. 7, n. 1-4, p. 395-415, 1997.

MONTEIRO, S. S.; DIAS, M. L. Empoderamento e empreendedorismo em comunidades vulneráveis: uma análise interseccional. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 25, n. 1, p. 114-130, 2023.

MURRAY, A.; SKENE, K.; HAYNES, K. The circular economy: an interdisciplinary exploration of the concept and application in a global context. **Journal of Business Ethics**, v. 140, p. 369-380, 2017.

OLIVEIRA, F. R.; RAMOS, A. P. Mulheres negras e empreendedorismo na periferia: estratégias de resistência em tempos de crise. **Revista Gênero & Interdisciplinaridade**, v. 3, n. 2, p. 103-121, 2022.

OLIVEIRA, T. F.; SANTOS, A. R. Circularidade periférica e desenvolvimento local: práticas femininas em territórios vulneráveis. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Sustentável**, v. 6, n. 1, p. 50-69, 2024.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RIBEIRO, L.; OLIVEIRA, T. Economia circular popular: experiências em territórios de vulnerabilidade. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, v. 7, n. 2, p. 75-92, 2021.

SANTOS, L.; ALMEIDA, M. Empreendedorismo feminino popular: desafios interseccionais nas periferias urbanas. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, v. 12, n. 3, p. 201-218, 2022.

SANTOS, P.; QUEIROZ, R. Interseccionalidade e desigualdades urbanas: perspectivas sobre gênero e raça. **Revista de Estudos Sociais**, v. 20, n. 1, p. 77-95, 2024.

SEBRAE. **Perfil do empreendedor na Baixada Fluminense: relatório técnico 2024**. Rio de Janeiro: SEBRAE-RJ, 2024.

SEBRAE. **Relatório especial sobre empreendedorismo feminino no Brasil**. Brasília: SEBRAE, 2022.

SECRETARIA DE ESTADO DA MULHER DO RIO DE JANEIRO. **Relatório de políticas públicas para mulheres empreendedoras**. Rio de Janeiro, 2024.

SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Boletim sobre empreendedorismo feminino periférico em Duque de Caxias**. Duque de Caxias, 2023.



**CRA-DF**

Conselho Regional de  
Administração do Distrito Federal



SILVA, J. L.; MEDEIROS, P. Economia circular e sustentabilidade em contextos populares. **Revista Gestão & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 44-63, 2022.

SILVA, F. R.; RAMOS, A. P.; SOUZA, C. M. Empreendedorismo, gênero e periferia: uma análise interseccional. **Revista de Ciências Sociais**, v. 54, n. 1, p. 65-82, 2023.